

P O D C A S T

TERRITÓRIO VIVO

UM PAPO RETO COM QUEM CONECTA A ARTE E O CORRE



Episódio 04 - Macaé Corre

<<<<< sons de maresia e ondas leves no mar >>>>>>>

Samara Costa: Foi assim que chegamos em Macaé. Sol leve, o mar azul céu com uma recepção calorosa de quem vive por aqui.

Por muito tempo, foi isso que definiu a cidade: o mar, a pesca e o ritmo mais calmo de quem constrói a vida por aqui. No episódio anterior você viu que é muito mais que isso. Macaé é um território de contrastes. E é nesse encontro entre o mar e a indústria, entre quem veio e quem sempre esteve, que a cultura encontra espaço para existir. E, claro... sem perder o corre.

Eu sou Samara Costa e esse é o Território Vivo, um podcast Firjan SESI. E você, vem com a gente nesse corre?

Samara Costa: Muita gente chega. Muita gente vai. E no meio desse ritmo, Macaé foi crescendo de forma rápida e intensa. Apelidada como a "cidade do trabalho e da oportunidade", muitas pessoas saem da Cidade do Rio de Janeiro e outros municípios para buscar uma recolocação profissional ou até mesmo iniciar a carreira.

No meio disso tudo, a presença da indústria do petróleo em Macaé dita o ritmo da cidade, mas também cria um contraste: enquanto as plataformas operam a todo vapor na Bacia de Campos, em terra firme tem uma galera correndo por outro tipo de sonho. Artistas, produtores, DJs, gente da cultura que transforma esse vai e vem em criação, em arte.

Macaé se transformou em ponto de encontro de histórias vindas de todo lugar. Gente que veio trabalhar, recomeçar, tentar ou só sair do caos da cidade grande.

Luize Pessanha: No início, assim que eu vim para cá, eu não morava aqui, né? Hoje eu ainda não moro em Macaé, eu moro em Rio das Ostras. Mas eu não morava na região, eu continuei morando em Caxias. Fazia o bate e volta. Eu vinha semanalmente para trabalhar e depois voltava. Mas no início era engraçado, porque tinha essa coisa, você é macaense? Você é filha de quem?

Samara Costa: Luize não é de Macaé, nem de Rio das Ostras. Ela nasceu e foi criada em Duque de Caxias. A sua vida ganhou novos contornos aos 25 anos quando Luize passou em um concurso público em Macaé.

Luize Pessanha: Eu sou uma mulher de 39 anos, sou branca, cabelos curtos, lisos e escuros. E eu estou usando um macacão cinza bem claro e brincos.



Samara Costa: Meu encontro com Luize aconteceu no palco do teatro Firjan Sesi Macaé. Um lugar bem familiar, tanto pra ela quanto pra mim. Luize há três anos ensina jovens a ter uma relação mais íntima e artística com o corpo. Luize é professora de dança.

Luize Pessanha: Atualmente eu dou aula aqui, com a turma Fluxos Poéticos. Então, o que para mim é um grande privilégio, porque eu acho que você poder dar aula no palco. E os alunos terem a oportunidade de estar no palco, já ter a luz, ter plateia, você estar nesse ambiente. Pra gente é um privilégio enorme. Tenho, e aí ano passado, né, teve a apresentação da turma, então foi bem legal.

Samara Costa: Quando um espaço cultural abre suas portas para iniciantes, especialmente para os mais jovens, ele começa a formar muito mais do que artistas: forma público. São pessoas que aprendem, desde cedo, a sentir e interpretar o que acontece em cena, construindo repertório e desenvolvendo um olhar mais crítico.

Luize fala da dança como quem fala de vida. Enquanto ela contava, eu fui percebendo o brilho no olhar e o sorriso sincero de quem ama o que faz. Sem romantismo, mas com sensibilidade. Professora na Escola Municipal de Dança, Luize atravessa outras linguagens como o teatro e a música. O trabalho vai muito além do palco.

No olhar dela, a dança não é só técnica. É formação humana. Nem todo mundo chega com incentivo e, muitas vezes, isso define até onde um sonho consegue ir. Principalmente nas suas alunas meninas, que chegam com um sonho de ser bailarina. Mas nem sempre encontram o caminho aberto pra seguir. Mesmo assim, a arte encontra um jeito de acolher esses desejos e a ensinar sobre a vida.

Luize Pessanha: E uma coisa que eu acho que a dança traz muito é lidar com as próprias dificuldades. Então, aprender que tem desafios e a gente vai precisar passar por eles. Então, eu acho que a dança, ela te traz muitos desafios onde você encara ali no dia a dia da aula. E aí, quando você encara, você não desiste. Você aprende a ser mais forte, a lidar com problemas. Então eu acho que a dança vem mais pra educação mesmo, humana.

>>>> *orquestra de música clássica* <<<<

Samara Costa: Esse pensamento da Luize me fez lembrar de mim. Compartilhei com ela que fiz minha primeira aula de balé clássico recentemente e como foi difícil trabalhar o corpo pensando em formas com movimentos mais enrijecidos e tonificados. O corpo sempre comunica limites. Seja no braço que não levanta por falta de alongamento, ou na dor que é permanecer na ponta do pé. Desconfortos existem e sempre vão existir. O processo é chato, entediante, mas é preciso ter resiliência.

Luize Pessanha: Eu acho que a gente aprende a ser resiliente com os desafios e o processo. Principalmente no mundo digital e rápido em que a gente vive. Hoje é muito diferente de lidar com uma criança de 10 anos atrás e com as crianças de hoje. Porque hoje elas não têm autoestima. de maneira geral, e elas têm dificuldade de esperar o processo, elas querem pronto para... Mas tia, eu não consigo. Calma, porque é na repetição que a gente vai chegar lá. Ah, mas eu fiz minha pirueta, não saiu. Vamos acertar, de novo, e de novo, e de novo.

Samara Costa: Ao longo dos anos como professora de dança, Luize cruzou o caminho de muita gente.



Quando pergunto se, em algum momento, ela percebeu que era fundamental na vida de um aluno, o tempo para e Luize responde com silêncio. Um silêncio breve, mas carregado de emoção.

Luize Pessanha: Já tive muitos. Terça-feira aqui no palco a gente teve um desses momentos. E eu me emociono porque eu lembro de muitas trajetórias. Eu sou professora, eu comecei a dar aula, eu tinha 16 anos. Então, hoje eu vejo muitas pessoas que passaram e os caminhos em algum momento cruzou com o meu. Então, já tive aluna que entrou no palco para dançar comigo em companhia. Então, me emociono por causa disso. E na terça-feira, aqui em Roda, porque tinha algumas pessoas que retornaram dos cursos anteriores, mas tinha muitas pessoas novas. Então, assim, ouvi eles falando: "eu retornei porque me transforma, porque me atravessa de uma maneira muito boa". E isso me faz me transformar como ser humano.

Samara Costa: E tem momentos que chegam de forma inesperada. Às vezes, são mensagens enviadas escondido, do celular da mãe dizendo "tia, tô com saudade, eu te amo". Outras vezes, vêm em vídeo: a mãe mostrando a criança repetindo os movimentos, levantando o bracinho, ensinando em casa aquilo que aprendeu na aula. Luize assiste a tudo isso com um misto de surpresa e emoção. Porque, pra ela, é ali que o sentido aparece com força. Quando percebe seus alunos criando, improvisando, levando a dança para além da sala, fazendo dela parte da própria vida.

Luize Pessanha: Então, me ver num lugar onde eu consigo atravessar de maneira muito positiva a vida das pessoas dá muito sentido a minha escolha. A Luize, lá com 18, 19 anos, que não entendia muito bem "É mesmo por aqui que eu quero ir? Não sei. É a dança? Meu Deus, vou pagar a conta como? Não sei". Então, hoje, quando eu vejo algumas trajetórias, quando eu vejo algumas pessoas no palco dançando, que eu olho assim e falo, cara, que essa galera não sabia improvisar.

Samara Costa: Mais do que ampliar a programação, investir em cursos e formações artísticas nos territórios é fortalecer a base de tudo o que acontece depois. Quando um teatro forma artistas, produtores e técnicos, ele não está só ensinando. Ele está movimentando a economia da cultura e criando caminhos reais para que essas pessoas possam viver da própria arte sem precisar sair do seu território.

Quando pensa no futuro, Luize sabe que o tempo pode mudar muita coisa. Mas parar nunca foi uma opção que fez sentido pra ela. Ela não se imagina distante da arte, nem ocupando um lugar onde isso deixe de existir.

E quando surge a pergunta sobre o que, além da dança, alimenta esse impulso criativo, a resposta vem ampla: música, teatro, fotografia... mas, acima de tudo, a própria vida.

Luize Pessanha: Para mim foi muito marcante, né? Isso faz muito tempo foi a primeira vez que eu entrei no palco como profissional, na companhia da UFRJ, e aí tinha a Lara, enfim, e algumas pessoas que continuam na minha vida até hoje. Onde a gente passava muito tempo ali dentro do teatro

>>>>> *som de burburinho de pessoas no teatro* <<<<<

Luize Pessanha: Isso é uma coisa que eu sinto muita falta hoje, né, por não estar dançando tanto. Mas a gente passava muito tempo dentro do teatro, e é aqui, é pra lá, adapta o movimento, aqui está menor, não, tem que ser maior. E aí você para aqui e olha para a plateia.



Faz sentido. O palco é um lugar que tem muito sentido.

>>>>> som de aplausos <<<<<

Aline Barbosa: Meu nome é Aline Barbosa, eu sou uma mulher branca, tenho 1,65 de altura, tenho cabelos castanhos escuros, tenho olhos castanhos. Meu cabelo é mais ou menos um pouco abaixo do ombro, um pouco ondulado. Tenho algumas tatuagens, estou vestindo uma blusa branca com uma estampa tropical e uma calça preta.

Samara Costa: Aline chegou ao Teatro Firjan SESI Macaé há pouco mais de um ano, assumindo a coordenação de cultura. Mas a história dela com esse espaço começou muito antes do cargo.

Mesmo não sendo nascida em Macaé, foi ali que construiu boa parte da sua trajetória. Há quase 30 anos vivendo na cidade, Aline cresceu também como público daquele teatro, acompanhando de perto sua programação.

Hoje, à frente da coordenação, o vínculo é outro, mas a base segue a mesma: uma relação afetiva profunda com um espaço que, de muitas formas, também ajudou a construir quem ela é hoje.

Aline Barbosa: É um espaço que tem uma... Eu tenho uma relação afetiva que é anterior a minha relação de trabalho, né? Então eu já tô aqui foi a primeira vez que o meu filho veio ao teatro foi aqui, eu já assisti diversas peças, shows, já comemorei aniversário aqui. Então é um espaço pelo qual eu tenho um carinho enorme.

Samara Costa: Por muito tempo, ela nunca se imaginou ocupando esse lugar. Estar à frente da coordenação de cultura do Teatro Firjan SESI Macaé não parecia uma possibilidade concreta até pouco tempo atrás.

Mas tudo muda quando ela atravessa a cortina. Literalmente. Conhecer o teatro por dentro, entender seus bastidores, suas engrenagens, transforma completamente a relação que já existia.

Aline sabe que o teatro vai muito além do palco italiano. Sabe o que ele representa para Macaé, para quem vive ali, para quem cria ali.

Aline Barbosa: Eu acho que a população de Macaé é uma população muito sedenta por programações culturais, sabe? Então a gente tem taxas de ocupações muito bacanas, tanto nas peças quanto nos shows, nos infantis, nas programações mais para o público adulto.

Samara Costa: Com todo cuidado Aline e a equipe do Teatro fazem a seleção de espetáculos levando em consideração qualidade artística e sobretudo diversidade.

Aline Barbosa: E a gente faz uma curadoria muito atenta, buscando que a pauta local represente a diversidade de linguagens que a gente tem aqui no território. Então, ano passado, a gente teve de orquestras a espetáculos de circo, peças teatrais e performances.

Samara Costa: Para Aline, quando o assunto é a cena musical da cidade, alguns ritmos se destacam



com força.

O samba tem uma presença pulsante no município. Já o pop vem ganhando cada vez mais espaço.

Aline Barbosa: Eu acho que são os gêneros que a gente talvez tenha uma maior quantidade de artistas e que tenha uma adesão de público muito forte, que o público gosta, que o público vem, que o público assiste e gosta.

Samara Costa: Toda essa sensibilidade na gestão do seu cargo como coordenadora vem da vida de Aline. Da sua intimidade com o palco. Não de quem assiste, mas de quem faz.

Aline Barbosa: A minha formação artística vem muito da rua, eu sou artista de rua, sou palhaça.

Samara Costa: Essa informação foi uma grande surpresa pra mim. À frente de um teatro institucional, existe também uma palhaça chamada Margarida. Dois universos que, à primeira vista, parecem distantes mas que em Aline, coexistem. Mas como isso aconteceu? Como uma gestora virou palhaça? Ou como a palhaça virou gestora?

Aline Barbosa: A palhaçaria surgiu... Ixi, perai. Aí tem que voltar um tanto na fita.

>>>>> som de fita rebobinando <<<<<

Samara Costa: Pronto, Aline. Agora pode começar.

Aline Barbosa: Eu conheci meu companheiro e ele já era palhaço, ele atuava no grupo, a mãe dele também era palhaça, é palhaça, né? E a gente começou a se relacionar, eu sempre ia assistir os espetáculos deles e, eventualmente, ela precisou fazer uma viagem às pressas e eles tinham um espetáculo marcado e não tinha quem substituísse.

>>>> som de música circense <<<<<

Aline Barbosa: E eu já tinha assistido o espetáculo 50 vezes. Aí falaram: "é você, Aline". Eu falei: "mas eu não sou palhaça". Falei, não, mas amanhã você vai ser. E aí eu fui picada pelo vírus imorrível da palhaçaria e nunca mais parei de fazer palhaçaria. Por acaso, né?

Samara Costa: Geralmente os palhaços são batizados por características que chamam atenção ou até mesmo apelido de infância. Não foi o caso de Aline.

Aline Barbosa: O nome veio de um dos palhaços do grupo da minha sogra. Ele que, ele era bom de nomes. Ele ia batizando todos os palhaços novos que entravam. E aí ele me batizou e ficou Margarida.

Samara Costa: Tanto Luíze quanto Aline continuam na arte por algo maior do que amor. Não que o amor à arte não seja grande. Mesmo com obstáculos, tento entender o porquê delas continuarem na arte. Qual o motivo de ainda não ter desistido mesmo com as quebras de expectativas?

Aline Barbosa: Eu acredito que talvez seja uma das formas mais poderosas de interferir na sociedade e construir uma sociedade como a gente acredita que deva ser. Com mais respeito, com mais diversidade, com mais liberdade, com mais amor.



Luize Pessanha: Eu acho que justamente porque eu descobri que faz sentido. Eu acho que... Eu não me sentiria confortável estando em outro lugar. Ensinar é um lugar que me dá muito prazer, sabe?

Samara Costa: E esse foi mais um corre contado a partir de Macaé! Se você quiser acompanhar os bastidores, ver de perto o trabalho e conhecer melhor Luize e Aline, é só seguir a gente no Instagram @firjansesicultura. A gente se encontra no próximo episódio, em outro lugar. Tchau! A gente se encontra no próximo episódio, em outro lugar. Tchau!

Território Vivo é um podcast com a idealização da Gerência de Cultura e arte da Firjan Sesi. A realização é da Firjan Sesi e a produção é da Gandaia.